

INVERSÃO DE REALIDADE E IRONIA: O HUMOR NAS CRÔNICAS DE PORCHAT

Gabriela Gomes da ROCHA¹

Resumo: Considerando-se que Fábio Porchat – além de ator, roteirista, diretor, apresentador brasileiro e humorista – também é escritor, tendo em vista que publicou, no jornal *O Estado de S. Paulo*, crônicas humorísticas no período de setembro de 2014 a julho de 2016, neste trabalho, visa-se, por meio da análise de algumas de suas crônicas, assinalar as técnicas de produção de humor a que o cronista recorre para provocar um efeito humorístico, de modo que sejam além de bem-humoradas, também particulares de seu estilo. Na área do humor, as pesquisas a respeito das técnicas de produção de humor utilizadas para tornar um texto engraçado vêm sendo tema de muitas pesquisas para estudiosos da área. Contudo, estudos a respeito da produção de humor em textos contemporâneos são ainda poucos – o que vem a justificar o presente trabalho. A pesquisa tem como hipótese que as técnicas de produção de humor mais utilizadas por Porchat nas crônicas selecionadas (que foram agrupadas em dois tipos) sejam a “inversão da realidade” (técnica que depende também do conhecimento prévio do leitor para que se deflagre o humor) no primeiro tipo, e a ironia no segundo tipo. O estudo tem como base autores e teses que tratam de questões referentes ao humor e às técnicas humorísticas, tais como Bergson (1987), Possenti (1998, 2010) e Travaglia (1992, 2015).

Palavras-chave: Humor; Crônica; Fábio Porchat; Inversão de realidade; Ironia.

Abstract: Considering that Fábio Porchat – besides being an actor, screenwriter, director, Brazilian presenter and humorist – is also a writer, keeping in mind that he had published humorous chronicles on *O Estado de S. Paulo* newspaper in the period from September 2014 to July 2016, this paper aims to explain, by an analysis of some of his chronicles, the mechanisms of humor to which the author resorts to provoke an humorous effect that is very particular of his style. In the humor field, the studies about the mechanisms that can be activated in order to provoke laugh, this is, of the mechanisms of humor used to make a text funny, have being subject of lots of researches by field experts. However, the studies about the production of humor in contemporary texts are still very few – what justifies this present work. The research considers as a hypothesis that the mechanism of humor which is most used by Porchat in the selected chronicle (that present a similar structure and thematic) is the “inversion of reality” – mechanism that depends also of the reader’s previous knowledge so that the humor can be triggered. The study is based on authors and thesis that deal with questions related to humor and mechanisms of humor as Bergson (1987); Possenti (1998, 2010) and Travaglia (1992, 2015).

Keywords: Humor. Chronicle; Fábio Porchat; Inversion of reality; Irony.

¹ Graduação em Letras – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP. Email: gabrielarochacontato@gmail.com.

Considerações iniciais

As pesquisas sobre o humor podem focalizar diferentes questões. Saber o que provoca o riso, ou seja, qual a técnica utilizada para tornar um texto engraçado é um questionamento de extrema relevância para estudiosos da área. Em função disso, neste texto pretende-se evidenciar quais são as técnicas a que Fábio Porchat recorre em suas crônicas humorísticas publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, no período de janeiro a julho de 2016, para torná-las bem-humoradas e singulares.

A pesquisa justifica-se uma vez que os estudos acerca da produção do humor que tomam como base textos contemporâneos ainda são escassos e há ainda técnicas por serem evidenciadas e descritas. Também não há trabalhos que analisem as crônicas produzidas por Porchat, nos moldes aqui propostos.

Após verificar que as crônicas de Fábio Porchat possuem dois estilos padrões, separamos as crônicas em dois tipos: um composto por crônicas bem-humoradas em forma de diálogos e outro integrado por crônicas críticas configuradas em textos corridos. Dessa forma, considera-se a hipótese de que “a inversão da realidade” (que depende também de um conhecimento prévio do leitor – outro mecanismo de produção de humor – para que seja deflagrada) seja o mecanismo mais utilizado pelo cronista a fim de gerar o riso nas crônicas dialogadas e que a ironia seja a mais utilizada por Porchat nas crônicas críticas.

Para constatar tal hipótese, foram selecionadas, na composição do *corpus* deste estudo, quatorze crônicas (sendo sete crônicas dialogadas e sete crônicas críticas), sendo que cada uma das sete apresentam estilo e conteúdo semelhantes. Metade delas consiste em episódios cômicos expostos em forma de diálogo e que são, em sua maioria, situações com as quais é possível que o leitor estabeleça uma relação com o seu cotidiano, isto é, com a sua realidade, e a outra metade consiste de crônicas em texto corrido nas quais Porchat expõe sua opinião a respeito de diversos assuntos, de forma crítica.

O estudo fundamenta-se, especialmente, nos pressupostos teóricos de autores que abordam questões referentes ao humor, primordialmente, as relacionadas às suas formas de produção. A fim de caracterizar as técnicas de deflagração de humor, recorrer-se-á, especialmente, a Bergson (1987), Possenti (1998, 2010) e Travaglia (1992, 2015).

A fim de tornar clara a exposição, o artigo se estrutura da seguinte forma: primeiro, contextualizamos o *corpus* selecionado, depois apresentamos alguns conceitos essenciais para o trabalho: os de técnicas de produção de humor e daquelas que aqui serão estudadas e, por fim, analisamos o *corpus* tendo como base os conceitos apresentados.

Porchat e suas crônicas

Existiram, ao longo da história, os mais diversos tipos de cronistas, de humoristas e de cronistas que produzem textos humorísticos. Cada qual com seu estilo peculiar e característica(s) que permite(m) que seja possível a identificação deste ou daquele autor por meio da leitura de um texto. Um dos humoristas (também cronista, embora poucas pessoas saibam) mais conhecidos da atualidade é Fábio Porchat.

Porchat nasceu em 1983, no Rio de Janeiro, entretanto, viveu na cidade de São Paulo até seus 19 anos de idade. Em 2002, quando cursava administração na ESPM

(Escola Superior de Propaganda e Marketing), foi ao programa do apresentador de TV Jô Soares e conseguiu autorização para apresentar um esquete humorístico de sua autoria. Neste momento, Porchat firmou sua verdadeira vocação e resolveu mudar-se novamente para sua cidade natal, onde se formou em Artes Cênicas na CAL (Casa de Artes das Laranjeiras)².

Desde então, passou a desempenhar as funções de apresentador, roteirista, ator de programas televisivos, peças teatrais, longas e curtas-metragens, autor e, também, produtor de vídeos na *Internet* (do canal no *YouTube* conhecido como Porta dos Fundos). Além disso, de 2014 a 2016, Porchat dedicou-se à escrita de crônicas que foram publicadas, semanalmente, no jornal *Estado de S. Paulo*.

A respeito do gênero “crônica”, pode-se dizer, segundo Costa (2008, p. 71-73), que consiste num relato informal, veiculado na imprensa (no caso das publicações de Porchat, no jornal, especificamente), em colunas assinadas, que discute diversos assuntos: da vida em sociedade aos costumes e ao cotidiano. Quanto à forma de tal relato, é sempre curta e simplificada, visando uma leitura rápida, na qual é possível encontrar uma interlocução direta com o leitor, aproximando-se da forma de comunicação oral. Por isso, é comum que haja comentários críticos e polêmicos por parte do autor. As crônicas podem ser, segundo o autor, narrativas, argumentativas ou expositivas.

De acordo com Pereira (2004, p. 170), a crônica pode ser definida

no espaço jornalístico como uma narrativa que tem independência estética e pode inscrever várias linguagens em seu espaço gráfico, não se limitando apenas aos preceitos da literatura ou do jornalismo. (...) A crônica promove uma leitura estética das banalidades, a partir do reconhecimento de uma razão sensível que constrói o útil e o fútil.

Nas crônicas de Porchat, publicadas no período de janeiro a julho de 2016, no jornal (um total de 28 textos), foi possível observar que o autor possui dois estilos principais de escrita: um que consiste na produção de textos em forma de diálogo, e outro que é composto por abordagens críticas de determinados temas em forma de texto corrido.

Nas crônicas escritas em forma de diálogos (8 ao todo) são expostas situações engraçadas, com as quais o leitor consegue, na maior parte das vezes, estabelecer uma relação com o seu próprio cotidiano e as situações por ele vividas. As técnicas de produção de humor que permitem a deflagração da comicidade nessas crônicas dialogadas são a inversão de realidade e o conhecimento prévio.

As outras crônicas (um total de 19) são escritas em forma de texto corrido e se caracterizam por serem textos em que o autor, em geral, faz críticas relacionadas a diversos temas, tais como: política, cultura, questões sociais, bem como assuntos recorrentes no momento da produção da crônica. O texto torna-se engraçado, em geral, por meio não só das críticas em si, mas também porque Porchat mobiliza uma série de técnicas de produção de humor como repetição, linguagem coloquial, neologismos, exagero, trocadilhos, alusão, exemplos inusitados e, principalmente, a ironia.

Do total de 28 textos, há ainda a crônica “Despedida”, que possui um estilo de escrita diferente dos dois, anteriormente, descritos, pois, consiste na última publicação do autor no jornal, uma despedida de fato. Tal crônica não pode ser classificada como uma

² FÁBIO Porchat: ator e roteirista. Perfil. Disponível em: <<http://www.fabioporchat.com.br/site/fabio-porchat/perfil/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

crítica em forma de texto corrido, tampouco, como diálogo e, portanto, não será analisada no presente trabalho.

O humor nas crônicas dialogadas e sua constituição: inversão da realidade e conhecimento prévio

Ainda que o humor seja tema antigo e frequente em nossa vida, as pesquisas sobre o fenômeno começaram a se desenvolver na década de 1970 e, mesmo assim, tiveram problemas para serem reconhecidas, em virtude de uma crença de que o que era agradável e divertido não podia ser assunto respeitável para o campo acadêmico (TRAVAGLIA, 1990; MINOIS, 2003).

No século atual, o humor ganhou maior projeção, não só na mídia, a partir das discussões sobre limites a que ele deveria se submeter, mas, também, na área acadêmica. A propósito dessa repercussão, Possenti (2010) propõe caracterizá-lo como um “campo”.

De acordo com Possenti (2010), a propósito dessa repercussão, o humor, por possuir suas próprias regras, ser constituído de vários gêneros que são nele praticados e de discursos específicos que ali são produzidos e circulam, pode ser qualificado como um campo.

Para o estudioso, o humor pode circular em diversos espaços, ser produzido através das mais diferentes formas de organização textual e tratar de temas distintos sem perder a sua essência. É por isso que afirma que o humor não deixa de ser humor, ainda que explore diversos gêneros e cenografias (POSSENTI, 2010).

É possível perceber, dessa forma, que o autor confere ao humor certa autonomia, uma vez que o define como uma área que possui seus próprios limites, restrições e características, assim como ocorre com outros campos, como a Biologia e a Literatura, por exemplo.

Com relação ao estudo do humor, por sua vez, pode-se falar em técnicas humorísticas (ou recursos/mecanismos de produção de humor), que são o objeto de interesse do presente artigo. Elas são, muitas vezes, os recursos dos quais o autor se utiliza para construir o sentido humorístico.

Dessa forma, a produção do humor depende, para a maioria dos estudiosos que tratam do assunto, de uma técnica, de um elemento mediador (cf. FREUD, 1996; RASKIN, 1985; ATTARDO; RASKIN, 1991; TRAVAGLIA, 1989; POSSENTI, 1998, 2010). As técnicas de produção de humor podem ser nomeadas de diferentes formas e abordadas através de diferentes perspectivas, variando de acordo com o autor e da perspectiva teórica.

Esse mecanismo, isto é, essa técnica utilizada pelo autor, deve ter amparo no contexto e pode estar relacionado a elementos linguísticos ou a fatos referentes ao entorno sociocultural. Para ilustrar a questão, consideram-se, por ora, os estudos que se tornaram referência na área, no Brasil, quais sejam: o de Travaglia (1992) e os de Possenti (1998, 2010).

Se o humor pode ser explicado por meio de técnicas, parte-se do pressuposto de que Porchat, em suas crônicas em forma de diálogo, recorre de maneira mais frequente a dois mecanismos, os quais acabam por se tornar parte de seu estilo como cronista. São eles: “a inversão da realidade” (expressão criada para refletir melhor o fenômeno) e o conhecimento prévio.

A inversão da realidade pode ser vista quando certas situações cotidianas conhecidas pelo leitor (mais ou menos “padronizadas” na mente) são invertidas (transformadas de alguma forma), tornando-se absurdas. Se a palavra “inverter” pode assumir os significados de “trocar”, “alterar”, “mudar”, “virar”, “modificar”,

“transformar”, “opor”, bem como que o vocábulo “realidade” pode remeter a um fato, algo tido como verdadeiro, certo, quando se inverte a realidade, tem-se o absurdo, algo que foge do que é comum, do que é construído como certo.

Essa técnica, ainda não explorada em outros estudos, pode ser compreendida não apenas como uma inversão de papéis sociais, mas também de situações, isto é, de contextos e ações/comportamentos de personagens. Tal inversão, portanto, contraria, completamente, as expectativas do leitor, de alguma forma, com relação a uma situação ou a uma ação esperada – causando uma impressão de estranhamento ao mesmo.

Nota-se que a literatura acerca do assunto aborda dois recursos próximos ao que denominamos “inversão da realidade”. Trata-se da “inversão de papéis”, mencionada por Bergson (1987), e da “mistura de lugares sociais”, descrita por Travaglia (1989). Na verdade, entendemos que a expressão “inversão da realidade” consiste em algo mais abrangente, que engloba não apenas os dois casos, mas, inclui outras situações.

A inversão de papéis é considerada por Bergson (1987) como sendo a técnica utilizada para tornar um texto bem-humorado que se vale da exposição do que ele chama de “mundo às avessas” (p. 53). Assim, de acordo com o teórico, pode-se obter uma cena engraçada “fazendo com que a situação volte para trás e com que os papéis se invertam” (p. 53). Entre os exemplos que expõe, Bergson (1987) cita situações em que a criança tem a pretensão de ensinar os pais, ou quando a mulher exige que o marido execute trabalhos de casa, entre outros. Nota-se, claramente, que os papéis sociais (de marido/mulher, de pai/filho) aparecem trocados.

Já a “mistura de lugares sociais”, técnica estudada por Travaglia (1989), é caracterizada como sendo uma “mistura de posições de sujeito inconcebível dentro de determinada situação” (p. 60). Como exemplo, o autor menciona a situação em que no quadro de televisão “A Praça é Nossa” um “mendigo esfarrapado” fala como se fosse um “alto magnata” (p. 60), ou seja, quando alguém de baixo poder aquisitivo, político e social age de maneira semelhante a alguém que não ocupa a sua posição social.

Os conceitos de “sujeito” e de “lugar social” são retomados da Análise do Discurso pelo estudioso, que postula que essas posições do sujeito seriam pré-estabelecidas em uma dada sociedade – onde há, por exemplo, o papel de mãe, de irmã, do marido, de profissionais de determinada(s) área(s) e assim por diante.

Pode-se considerar que tanto a inversão de papéis, quanto a mistura de lugares sociais visam remeter à ideia de uma inversão de lugares sociais, a qual tem como objetivo causar um estranhamento ao leitor justamente por ocorrer por meio da troca de papéis sociais pré-definidos, que contrariam expectativas pré-estabelecidas pelos leitores.

Vale ressaltar que a inversão da realidade aqui mencionada remete a uma ideia mais ampla que a inversão somente do papel social de sujeitos. Na primeira crônica analisada, no tópico abaixo, será possível verificar, de maneira precisa, o que estamos denominando inversão da realidade, conceito que não se confunde com o de inversão de papéis, tampouco com o de mistura de lugares sociais.

O conhecimento prévio, por sua vez, é caracterizado por Possenti (1998) como sendo um conhecimento – “mesmo que sumário e vago” (p. 34) – acerca de determinada situação. Seria, portanto, um conjunto de informações referentes a um acontecimento, que, frequentemente, é uma das condições que torna possível captar o humor em textos humorísticos.

Este recurso é considerado por Possenti (1998) como sendo uma técnica de produção de humor, mas a noção de conhecimento prévio é, em sua essência, uma noção estabelecida pela Linguística Textual, da qual Koch (2009) afirma que foram tomados como base os postulados de Heinemann & Viehweger. Esses autores apontam que, no ato do processamento textual, há a ativação de quatro compostos de conhecimento: o

linguístico, o enciclopédico (ou de mundo), o interacional e, por fim, aquele que diz respeito a modelos textuais globais.

Assim, o conhecimento prévio (enciclopédico ou de mundo) é caracterizado por Koch (2009) como sendo “aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo” (p. 22) e que é socioculturalmente construído e adquirido através das vivências dos falantes. Este conhecimento é acionado na memória do leitor no momento em que este visa construir o sentido de um texto.

Do exposto, servirão como base para o desenvolvimento deste trabalho os conceitos de técnicas ou mecanismos de produção de humor, além do conhecimento de duas dessas técnicas, sejam elas: a inversão da realidade e o conhecimento prévio.

A produção do humor nas crônicas dialogadas de Porchat

Dado o exposto, sabe-se que as crônicas de Porchat, que compõem o *corpus* de análise deste artigo, são as que se caracterizam pela forma de diálogo. Veiculadas no *Estadão*, no primeiro semestre de 2016, elas foram intituladas pelo cronista como: “Bate-papo hoje em dia” (17/01/2016), “Comentários de internet” (24/01/2016), “Contrato” (31/01/2016), “Tio” (07/02/2016), “Céu católico” (27/02/2016), “Tiririca” (10/04/2016) e “Terrorismo” (24/04/2016).

Para sistematizar os dados, selecionamos excertos das crônicas dialogadas que permitem evidenciar a manifestação das técnicas de produção de humor de inversão da realidade e também de conhecimento prévio. Partindo de tais análises, visa-se entender como essas duas técnicas podem ser reconhecidas nas crônicas do autor, caracterizando um estilo particular de Porchat.

A técnica da inversão da realidade pode ser considerada como sendo aquela a que mais recorre Porchat nas crônicas selecionadas. Tal inversão é muito abrangente, podendo ocorrer entre ações/comportamentos dentro de situações, ou entre situações como um todo. Começemos por “Terrorismo” (24/04/2016), em que a situação exposta é a de um assalto na praia de Copacabana, na qual um pivete tenta assaltar um terrorista.

Acerca dos assaltos nessa região do Rio de Janeiro, sabe-se que são comuns (especialmente em períodos de intenso turismo) – índices comprovam que a alta dos crimes nessa região, na época das Olimpíadas chegou a 44%³. Contudo, o que caracteriza a inversão da realidade na crônica é, primeiramente, o fato de o assalto ser feito a um terrorista (figura considerada perigosíssima por, geralmente, portar bombas e realizar grandes ataques à coletividade) por um menor infrator, e não o contrário, ou seja, por não ser um ataque por parte do terrorista contra o menor. Há uma inversão, portanto, da ideia de quem é mais perigoso, como é possível observar, no exemplo a seguir:

(1)
 Pivete
 Tira essa caceta do corpo e dá pra mim!
 Terrorista
 Se eu tirar, explode.
 Pivete
 Deixa eu ver essa porra!

³ LEVIN, Jonathan. Índice de criminalidade piora no Rio, a tempo da Olimpíada. *Exame* 14 jul. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/indice-de-criminalidade-piora-no-rio-a-tempo-da-olimpiada/>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

Terrorista levanta camisa e mostra a bomba e uma irritação na barriga.

Pivete

Pera aí, que que é isso aí vermelho na sua barriga? Isso pega?

Terrorista

Não. Acho que tô com Chikungunya.

Pivete

Sai fora! (Sai)

Dessa forma, o que torna a situação inusitada é que, em uma realidade possível, um menor infrator jamais assaltaria um terrorista, pois a figura considerada mais perigosa, de acordo com estereótipos e experiências/vivências prévias é o terrorista e não um pivete.

Outro ponto que evidencia uma inversão da realidade é que o pivete se mostra mais preocupado com a irritação de pele do terrorista do que com a bomba que este carrega consigo, o que mostra uma inversão também de preocupações.

É claro que, para compreender a preocupação do pivete com o “vermelho na barriga” do terrorista, o leitor necessita do conhecimento prévio de que este é um dos sintomas da contaminação do vírus “Chikungunya”⁴, transmitido pelo mosquito “*Aedes aegypti*”. No período em que a crônica foi publicada (ano de 2016), o número de pessoas contaminadas pelo vírus crescia a cada dia no Brasil e causava muitas mortes, o que se tornou uma preocupação de todos no país⁵.

Assim, há uma preocupação maior com a contaminação pelo vírus (causa de uma doença grave, mas que tem possibilidade de cura, se tratada de maneira correta) em lugar de um ataque terrorista (que poderia ter dimensões maiores que de uma contaminação, para os propósitos do terrorista), o que acaba por provocar o humor pela maneira como são dimensionadas as preocupações de cada uma das personagens. Desse modo, quando a personagem não se preocupa com o que supostamente seria o comum que se preocupasse, pelo fato de um ataque terrorista causar problemas mais imediatos, pode-se dizer que ocorre uma fuga da realidade.

Observa-se que, nas crônicas de Porchat, é comum que a inversão da realidade possa ser vista em níveis distintos, a saber: em nível macro, ou seja, da situação como um todo (como, por exemplo, nessa crônica, em que é invertido o papel do sujeito considerado mais perigoso – o pivete ao invés do terrorista), mas também em nível micro, ou seja, em pequenas situações e ações ocorridas no interior da crônica, como será mostrado na crônica a seguir.

Em “Tio” (07/02/2016), diferentemente do que foi exposto até o momento, pôde-se verificar que ocorre uma inversão da realidade não somente por meio da exposição de comportamentos e ações que contrariam uma expectativa, mas também do uso de certas construções linguísticas (piadas prontas) que não são esperadas por certas pessoas. Este pode ser considerado como um exemplo de inversão em nível macro e micro, uma vez que aqui se considera a inversão de nível micro o uso de uma certa linguagem não esperada dentro de uma situação que, como um todo, consiste em uma realidade invertida.

Na crônica, a situação exposta é de uma família que se reúne na sala durante uma festa. Todos agem normalmente, cumprindo os seus “papéis” (de prima, mãe, tio, etc.), quando de repente, Bruno, de 36 anos de idade, começa a enunciar uma série de piadas prontas que, em geral, são reproduzidas por pessoas mais experientes (idosas ou quase

⁴ DENGUE, Chikungunya e Zika. *Combate aedes*. Disponível em: <<http://combateaedes.saude.gov.br/pt/tira-duvidas>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

⁵ FEBRE Chikungunya. *Portal da Saúde*. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/1073-chikungunya/14718-sinais-e-sintomas>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

idosas) – “tio 1 qualquer pessoa mais velha” (SERRA E GURGEL, 1998, p. 434, **grifo do autor**) – e/ou por pessoas conhecidas como “ultrapassadas” e até “caretas”.

Observemos o trecho a seguir:

(2)

NATALIA

Alberto, não quer comer alguma coisa?

BRUNO (faz piada)

Não, ele já veio de casa comido.

(Todos na sala se assustam)

BRUNO

Que foi, gente?

ALBERTO

Bruno, você percebeu o que acabou de acontecer?

BRUNO

O que?

NATALIA

Pera aí. Bruno, você quer cuscuz?

BRUNO

Mas é pra comer com as mãos, hein?!

ALBERTO

Meu deus!

Podemos perceber que, ao se utilizar de piadas prontas, além de propor que o leitor ative um conhecimento prévio (enciclopédico), Fábio Porchat também sugere uma inversão da realidade por meio do comportamento de Bruno. Isto porque a personagem, que não é alguém de idade muito avançada e nem ‘carea’ (o que se infere pelo comportamento das outras personagens em cena, que ficam surpresa com o comportamento de Bruno) acaba por exibir comportamentos não muito comuns a alguém de sua idade, mas aos de um tio, isto é, de uma pessoa mais velha e/ou que, geralmente, é vista pelos mais novos como sendo ultrapassado ou fora de moda (o que fica evidenciado inclusive no excerto a seguir).

Sendo assim, o humor é produzido não só pela utilização de piadas prontas, ou seja, de piadas popularmente conhecidas, como também através de uma inversão que visa tornar a situação inusitada, por tais piadas serem enunciadas por um sujeito que não se esperaria que as enunciasse.

Uma outra crônica é “Contrato” (31/01/2016), que simula uma situação (quase que) cotidiana, na qual um cliente entra em contato com a atendente de uma operadora telefônica para contratar um pacote de Internet. Contudo, nesse contato, nota-se uma inversão da realidade, uma vez que são feitas exigências absurdas por parte da operadora para que se efetive o contrato, como se observa no trecho a seguir:

(3)

CLIENTE (passa o contrato no microscópio)

C..., aqui tá dizendo que tenho que doar pra vocês meu primeiro filho homem.

ATENDENTE

Isso. E um rim seu é nosso.

CLIENTE

Quê?

ATENDENTE

Mas não precisa dar agora não, a gente tem que te avisar com um mês de antecedência.

O fato de o cliente ter como duas das condições do contrato: 1) a de doar o seu primeiro filho homem e 2) a de doar um órgão de seu corpo (seu rim) à operadora para pagar o valor exigido pelo contrato, em lugar de dinheiro (meio, comumente, utilizado pelas sociedades atuais a fim de realizar a troca de bens), torna a situação toda inusitada e causa, portanto, estranhamento ao leitor. Isto porque a realidade exposta pode ser entendida como o oposto daquela a que os leitores estão habituados e que até vivenciam, por vezes. Esse estranhamento causado, portanto, é o que torna possível a deflagração do humor – por se tratar de uma situação completamente absurda.

A inversão da realidade acontece de maneira semelhante, mas ainda mais peculiar em “Céu católico” (27/02/2016), crônica na qual é ilustrada uma situação em que Deus recebe um recém chegado no céu. O diálogo se ambienta, como se infere pelo próprio título, no céu, no momento em que “Rubens” é recebido.

Ao chegar no céu, Rubens pergunta a Deus por conhecidos seus, também já falecidos. Contudo, ao contrário do que se esperaria, o homem se depara com o fato de que quem ali reside não são pessoas boas, mas aquelas que, de acordo com o senso comum, dificilmente, se esperaria que chegassem ao céu. Vejamos um fragmento:

(4)

Deus

Rubens, seja bem-vindo ao céu.

Rubens

Obrigado.

Deus

Eu sou Deus e fico imensamente feliz de tê-lo conosco. Vou pedir que um dos moradores lhe apresente o local. Adolf!

Hitler (entra)

Pois não?

Deus

Esse é o novo morador do céu, o Rubens. Gostaria que fizesse as honras.

Rubens

Desculpa, Deus. Esse aí é Hitler?

Nessa crônica, faz-se necessário que o leitor ative, primeiramente, o seu conhecimento prévio para deflagrar o humor. Pode-se observar tal afirmação, por exemplo, no trecho em que Rubens encontra Adolf Hitler. Se o leitor não souber que Hitler foi o líder da Alemanha durante o movimento nazista, quem iniciou a Segunda Guerra Mundial e que foi também responsável pela morte de milhares de judeus⁶, ele não é capaz de identificar o que torna a situação inesperada e, conseqüentemente, engraçada.

Pode-se observar que Porchat obtém o efeito humorístico no momento em que, com base no conhecimento prévio do leitor, subverte a realidade esperada e inverte uma crença comum a muitas religiões. Isso porque, de acordo com certas religiões, nesse caso a católica (o que se infere pelo título “Céu católico”), o céu seria considerado como um lugar onde só adentram as pessoas que realizaram boas ações na terra e que teriam, assim, a possibilidade de obter paz e tranquilidade neste lugar idealizado.

O que Rubens encontra no céu, todavia, são pessoas como Adolf Hitler (líder do movimento nazista e responsável pela morte de milhares de judeus), seu tio-avô Haroldo

⁶ ADOLF Hitler. *History*. Disponível em: <<http://seuhistory.com/biografias/adolf-hitler>>. Acesso em 20 out. 2016.

(que foi um molestador), entre outros. Evidencia-se, portanto, uma inversão da realidade esperada, além da inversão de uma crença religiosa.

Com isso, é possível perceber que, na maior parte das crônicas analisadas, Porchat se utiliza, além da técnica de inversão da realidade, também da técnica de conhecimento prévio, uma vez que em muitas das vezes são necessárias que as referências expostas nas crônicas sejam identificadas e (re)conhecidas pelo leitor para que seja possível que se deflagre o humor.

Assim como observado em algumas das outras crônicas analisadas, o conhecimento prévio também se mostra de extrema importância na produção do humor da crônica “Comentários de internet” (24/01/2016). Nesse texto, há a criação de uma situação totalmente hipotética: tenta-se imaginar como seria se grandes nomes da história, como físicos, poetas etc., vivessem na sociedade atual e se utilizassem de uma rede social muito famosa, o *Twitter*, onde pessoas ao redor do mundo discutem sobre diversos assuntos por meio de *Tweets* (comentários de até 140 caracteres).

Na crônica, o que se vê são *posts* com frases famosas dessas pessoas muito conhecidas e suposições das quais seriam as respostas de outros usuários nos dias de hoje para as teses e teorias de nomes como Einstein e Shakespeare, por exemplo.

(5)

@AlbertEinstein

Tudo é relativo!

Comentários:

- Relativo pra você, seu babaca! Cientista bom mesmo era Newton!
- É fácil dizer que é relativo quando você não está passando fome na favela!
- Sua burrice não parece relativa, parece bem definida.

@WilliamShakespeare

Ser ou não ser, eis a questão.

Comentários:

- E a questão da educação? Da saúde? Da segurança? O povo que se dane, né? Uma vergonha essas suas pecinhas receberem dinheiro da Coroa!
- Corrompido pela The Globe!
- Ser ou não ser? Isso aí é. É veado!

Com base no excerto é possível observar que o conhecimento prévio é de extrema importância para o entendimento da crônica e para o entendimento do seu sentido humorístico, pois, caso o leitor não saiba quem foi Albert Einstein⁷ (célebre físico alemão, responsável pela proposição da “teoria da relatividade” e que viveu não no século XXI, mas no século XX), por exemplo, não poderá entender a graça produzida na crônica.

Além disso, a situação em si, ou seja, o fato de haver a exposição de importantes teorias elaboradas por estudiosos das mais diversas áreas, como literatura, física, etc., (e que se tornaram famosos ao longo da história) vista de forma (re)contextualizada pode ser outro fator que contribui para gerar o sentido humorístico.

Assim, uma outra possível explicação para o humor contido na crônica pode ser o fato de haver a criação de um novo contexto, diferente daqueles em que os pensamentos foram construídos (e que desencadeia uma nova forma de serem recebidos). Há a criação, dessa maneira, de uma nova realidade, de uma realidade invertida, o que permite que essa situação, quando lida nos dias de hoje, torne-se engraçada.

⁷ALBERT Einstein. *UOL*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/albert-einstein.htm>>. Acesso em 20 out. 2016.

O humor nas crônicas críticas e sua constituição: ironia

Das crônicas publicadas por Porchat no *Estadão*, no período de janeiro a julho de 2016 (um total de 28 textos), aproximadamente 68% (ou seja, uma grande parte delas) é ainda composta por crônicas em forma de texto em prosa e que apresentam críticas a/sobre diversos assuntos, sejam eles questões políticas, culturais e sociais.

Esses textos, embora busquem refletir sobre questões diversas (sempre de forma crítica), não deixam de apresentar um tom humorístico. Nos estudos da produção do humor, Travaglia, (1989, p. 49) admite que é possível (e, na realidade, é comum) um texto humorístico ter as seguintes funções: fazer rir, libertar, criticar e denunciar. Assim, dentre os objetivos do humor, propõe quatro subcategorias: o “Riso pelo riso”, a “Liberação”, a “Crítica Social” e a “Denúncia”.

Contudo, Travaglia (1989) observa que a afirmação de que o humor tem como objetivo apenas divertir e fazer rir se mostra insustentável, pois, “todo humor acaba sendo liberador num sentido psicológico pelo menos” (p. 49) e também porque o humor tem uma propensão inata de lançar críticas e denúncias.

Nesse sentido, Travaglia (1989) defende que o humor tem os objetivos de libertar, uma vez que “através do humor se rompe a proibição e a censura social imposta ao indivíduo e a grupos” (p. 50), de criticar (podendo esta ser uma crítica “política, de costumes, instituições, serviços, características ou tipo humano e governo” (p. 50), e de denunciar, uma vez que as críticas são feitas sempre a muitos comportamentos que “não são admitidos pelas normas sociais explícitas, mas são praticados de acordo com um outro código que afronta o primeiro e se mantém graças à dissimulação, à hipocrisia e à convivência social de todos” (p. 50).

Após as análises das crônicas e com base nos estudos de Travaglia (1989), considera-se a hipótese de que, embora as crônicas de Porchat sejam críticas, o autor usa o tom humorístico para fazer suas críticas e denúncias. Além do mais, esse tom pode ser responsável por dar às crônicas certo ar de leveza às discussões sobre questões sociais, culturais e políticas expostas.

Assim, em virtude do que foi mencionado, e partindo da consideração de que o tom humorístico nas crônicas de Porchat aparece com o objetivo de libertar, criticar e também de denunciar, notamos que o uso das técnicas de produção de humor a que recorre o cronista como meio de deflagrar o humor, está diretamente ligado a uma visão crítica que este expõe em suas crônicas.

A produção do humor nas crônicas críticas de Porchat

Para ilustrar como isso ocorre, selecionamos algumas das crônicas críticas em texto corrido que mais representam os comentários de Porchat, veiculadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, no primeiro semestre de 2016, elas foram intituladas pelo cronista como: “Te conheço” (14/02/2016), “Ou uma coisa ou outra” (21/02/2016), “Eu acho...” (06/03/2016), “Gays” (13/03/2016), “Sexo” (17/04/2016), “Fora, Cunha!” (01/05/2016) e “Fora quem agora” (08/05/2016). Para sistematizar os dados, selecionamos excertos das crônicas que permitem evidenciar a manifestação das técnicas de produção de humor.

Em suas crônicas críticas, Porchat expõe sua opinião sobre diversos fatos e acontecimentos. Para começar, observamos que essas crônicas possuem uma linguagem coloquial, que se aproxima da linguagem oral. Notamos também que, por meio de expressões da língua falada, de provérbios e de ditados populares, de uma linguagem “chula” e de exemplos que se aproximam da realidade de pessoas comuns, o cronista acaba por criar uma aproximação entre ele e seus leitores.

É importante ressaltar tal observação, pois é por meio do uso de certas técnicas de produção de humor que pudemos verificar que é possível que o autor consiga dar às suas severas críticas um ar mais leve e descontraído, como se observa no exemplo a seguir, um excerto da crônica “Fora quem agora” (08/05/2016):

(6)

“Eu não sou de ficar me gabando das coisas, mas... Pode me agradecer, Brasil. Se não sou eu, o Cunha não caía. Meu último artigo do Estadão pedia sua queda e o STF prontamente me atendeu. Fica o meu agradecimento. Valeu, Teori. Valeu, Lewando!”

Nessa crônica, Porchat atribui o sucesso da cassação do mandato do político Eduardo Cunha, que até então era presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, à sua crônica produzida anteriormente de “Fora quem agora”, intitulada “Fora, Cunha!” (01/05/2016) – crônica em que expressa o seu desejo de que o político Eduardo Cunha deixasse a Câmara (quando, na realidade, sabe-se que Cunha teve seu mandato cassado por ter mentido quando acusado de corrupção e de ter contas no exterior⁸). Esse fato, é possível observar, requer que o leitor tenha o conhecimento prévio para entender a intertextualidade que o cronista estabelece entre suas duas crônicas.

Além de atribuir o sucesso da saída do político à sua crônica, Porchat ainda “comemora” a queda do ex-presidente, fazendo uso da linguagem coloquial e também da ironia, uma figura de linguagem considerada também como uma técnica de produção de humor. A ironia consiste, de acordo com Fiorin (2014, p. 69), em uma figura pela qual “se finge dizer uma coisa para dizer exatamente o oposto”.

Assim, Fábio Porchat continua:

(7)

“E agora, sabendo que o que eu peço aqui acontece, tenho em minhas mãos a possibilidade de fazer uma limpa no Planalto. Sim, senhoras e senhores, o futuro do país está agora em minhas mãos. Hahahaha! (Leia a risada com entonação malévola)”.

A ironia está presente, uma vez que é evidente que a saída de Eduardo Cunha não foi graças a sua crônica. Além disso, Porchat é irônico, pois, não detém o poder de decisão do futuro do país em suas mãos, como afirma na crônica (embora fique implícito que Porchat acredita que as decisões políticas deveriam estar, em partes, nas mãos do povo).

É justamente pelo uso de expressões coloquiais (e que são bem-humoradas), como “*Hahahaha! (Leia a risada com entonação malévola)*”, juntamente, com o uso da ironia, que a crônica torna-se bem-humorada. Mas, é importante ressaltar que apenas o uso da ironia não traz o humor à crônica. Nesse caso, ela se faz bem-humorada pelo fato de que tais acontecimentos (ou seja, a possibilidade da detenção do poder político do país por parte de Porchat), expostos de maneira irônica, seriam completamente absurdos e quase que impossíveis ou improváveis de acontecerem.

Outra observação é a de que, após as análises das crônicas selecionadas para este estudo, foi possível verificar que a ironia se manifesta, na maior parte delas (“Te conheço” (14/02/2016), “Ou uma coisa ou outra” (21/02/2016), “Gays” (13/03/2016) e “Fora quem agora” (08/05/2016) na forma de sarcasmo. O sarcasmo é um dos quatro meios de manifestar a ironia. Segundo Cherubim (1989 apud BENETTI, 2007, p. 40) existem ao

⁸ CALGARO, Fernanda; RAMALHO, Renan; GARCIA, Gustavo. Câmara cassa mandato de Eduardo Cunha por 450 votos a 10. *GI*, Brasília, 12 set. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/09/camara-cassa-mandato-de-eduardo-cunha-por-450-votos-10.html>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

todo quatro modos de expressar a ironia, sendo a antífrase e o sarcasmo os modos mais comuns.

Outro caso da presença da ironia nas crônicas de Porchat pode ser encontrado na crônica “Ou uma coisa ou outra” (21/02/2016), em que ele critica a escolha do novo secretário estadual de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro. Isso ocorre porque a pessoa escolhida para ocupar o cargo foi o pastor Ezequiel Teixeira, que logo suspendeu um grande programa que lutava contra a homofobia no Brasil. Porchat questiona, então, como uma pessoa que não luta contra um grande preconceito (o qual sabemos que é o responsável por milhares de mortes no Brasil e no mundo) pode ser o responsável pelos direitos humanos, como é possível observar no trecho:

(8)

“Agora, me diga, como seria possível este senhor defender os direitos de alguém que não esteja enquadrado naquilo que determina a igreja evangélica, da qual ele é praticante? Nosso Estado é LAICO. A meu ver, ou você é pastor (padre, irmã, pai de santo, etc...) ou é político. Os dois, infelizmente, não dá.”

A crítica tem um tom humorístico que é criado por meio da ironia. O fato irônico, a respeito do qual questiona Porchat, é o pastor seguir uma religião que exclui um certo grupo de pessoas e se utilizar de tal fundamento em seu cargo – por meio do qual deveria defender os direitos humanos, isto é, de todos os humanos, sem exclusões. Porchat questiona, portanto, a incoerência e falta de lógica em uma pessoa que não inclui os direitos e a defesa grupo dos homossexuais em uma gestão que deveria visar ser responsável pelos direitos dos humanos.

Ao fim da crônica, Porchat complementa:

(9)

“Não quer botar logo um neonazista para tomar conta de qualquer assunto relacionado à comunidade afro, governador?”

É possível observar que o humor se constrói nessa crônica de forma leve, recorrendo-se a um tom bem-humorado que Porchat dá a ela se utilizando da ironia. A necessidade desse humor como forma de “quebrar o gelo” aparece uma vez que a crítica exposta na crônica trata de um assunto seríssimo, que são os direitos humanos, a religião e, ainda, o conceito de Estado laico.

Dessa forma, Porchat questiona não só a hipocrisia de escolher alguém que não defende os direitos humanos de todos os grupos para ser o responsável por cuidar dos direitos dos cidadãos do Rio de Janeiro, mas também o fato de um Estado, que supostamente, seria laico, não ser. O sarcasmo, como modo de expressão de ironia, se estabelece na crônica como “um deboche altamente crítico” (BENETTI, 2007, p. 40).

Ainda no que diz respeito à ironia como técnica de produção de humor, pode-se observá-la na crônica “Gays” (13/03/2016), na qual Porchat se utiliza do humor como forma de denúncia ao comportamento de algumas pessoas que realizam ações e têm pensamentos preconceituosos para com os homossexuais (os quais Porchat demonstra, através do texto, considerar hipócrita). A denúncia fica visível no trecho:

(9)

“Engraçado, quando vejo dois homens se beijando, não penso que então deveria beijar outro homem. Mas as crianças provavelmente vão todas virar gays e sair transando com coleguinhas de 8 anos porque, afinal de contas, é isso que gays fazem, transam. Porque héteros

não transam, né? Os gays é que são um poço de erotismo, sensualidade e devassidão. Não dá para olhar para um gay e não ter vontade de sair por aí abrindo braguilhas alheias.”

Observando o excerto da crônica, é possível perceber que o texto tem um tom de humor por tratar com sarcasmo o comportamento das pessoas preconceituosas, além de usar expressões de extrema sinceridade, como “*não dá para olhar para um gay e não ter vontade de sair por aí abrindo braguilhas alheias*”. A crônica, portanto, por meio do sarcasmo, provoca o riso, mas, é um riso que pode ser caracterizado como penoso, pois, é a ironia que “revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala” (PROPP, 1992, p. 125).

Já em “Te conheço” (14/02/2016), observamos uma forma diferente do uso da ironia: mais abrangente. Nela, Porchat dá dicas bem-humoradas para um problema que ele afirma atingir grande parcela das pessoas do mundo todo, o qual ele chama de “desmemoriamiento facial alheio”, que ocorre quando avistamos uma pessoa e não a reconhecemos, apesar de ela demonstrar fazê-lo.

Porchat, então, dá algumas dicas de “técnicas” que foram desenvolvidas por ele sobre como agir quando a pessoa for acometida por esse problema, uma vez que afirma que: “*a tendência é você se fechar, preferir ficar em casa assistindo Netflix a correr o risco de encontrar alguém.*”

São cinco dicas ao todo. Vejamos algumas delas:

(10)

“Primeira dica: nunca olhe diretamente nos olhos de ninguém.”

“Dica dois: nunca diga “prazer” ao ser apresentado a alguém. Essa tentativa de simpatia pode ser destruída com um simples “a gente já se conhece.”

A ironia se apresenta mesmo que o ‘mal’ sequer exista. Além disso, é muito provável que nem mesmo Porchat vá agir dessa maneira quando se deparar com a situação de encontrar com alguém de quem ele não se recorda. A tendência é que ele (assim como qualquer outra pessoa), a fim de manter os ‘bons costumes, olhe diretamente nos olhos das pessoas (ao contrário do que instrui a primeira dica), diga que sente satisfação em conhecer uma pessoa (contradizendo a dica dois) e, obviamente, não se apresente ao seu próprio filho (indo de encontro à terceira dica aqui exposta). Assim, levando-se em consideração esses aspectos, podemos dizer que a ironia cumpre a sua função no texto, qual seja, a de consistir em uma transposição do que seria ideal, para a realidade de fato (cf. TRAVAGLIA, 1989, p. 59).

Além disso, em “Te conheço” o humor também é deflagrado por meio de outra técnica de produção de humor: o exagero. Esse recurso, de acordo com Travaglia (1989, p. 64), consiste no exagero na forma de falar ou na caracterização de alguém ou de algum objeto, de gestos, e até no detalhamento de ações e dizeres. Na crônica, Porchat constrói de forma exagerada a caracterização de uma situação que acontece com muitas pessoas, tratando-a como uma doença grave. Ele cria um neologismo (que é a “a invenção verbal, que se refere à criação de novos vocábulos”, cf. MOUTA, 2007 apud TRENTIN, 2012, p. 56) quando nomeia a “doença” de “desmemoriamiento facial alheio”, que afirma ser “um problema sério que acomete boa parte da população mundial”.

Além da ironia e do exagero, outra técnica de produção de humor da qual se utiliza Fábio Porchat em suas crônicas críticas é a repetição, que consiste “à ação de *voltar* ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer uma unidade que já ocorreu previamente” (ANTUNES, 2005, p. 70). A técnica aparece em “Fora, Cunha!” (01/05/2016) e também em “Fora quem agora” (08/05/2016). Produzidas uma em

sequência da outra, faz-se necessário (como já ressaltado anteriormente) que o leitor tenha conhecimento da primeira crônica (“Fora, Cunha!”) para que possa compreender a segunda (“Fora quem agora”), pois, essa intertextualidade faz parte do processo necessário para deflagrar o humor em “Fora quem agora”.

Em “Fora, Cunha!” (01/05/2016), Porchat repete por todo o texto essa mesma oração (que é o título e consiste no verbo “Fora”, no modo imperativo, seguido do vocativo “Cunha” e por um ponto de exclamação) por cento e setenta e oito vezes, como uma forma de manifestar o seu posicionamento, que era a favor da cassação do mandato do então acusado de corrupção, Eduardo Cunha. Na crônica, a repetição é o mecanismo que causa estranhamento, tornando o texto surpreendente. O modo como o autor manifesta a sua opinião, que é inusitada e se faz de modo repetitivo até que o leitor tenha a opinião de Porchat fixada em sua mente, torna a crônica bem-humorada.

Já em “Fora quem agora” (08/05/2016), diferentemente da crônica anterior, o texto não consiste todo na repetição de uma sentença, mas em uma repetição que pode ser encontrada de forma recorrente ao longo do texto. Como já contextualizado no início das análises, esta crônica é uma comemoração à saída de Cunha. Nela, após a saída de Eduardo Cunha, Porchat pede, então, a saída de outros políticos, como se pode ver a seguir:

(11)

“São tantos nomes que eu nem sei por onde começar. Poderia mandar um: Fora, Maranhão!”

(...)

“Fora, Temer” me parece excelente. “Fora, Temer” preenche lacunas, “Fora Temer” resolve problemas, “Fora, Temer” exigiria novas eleições, as quais eu sou a favor desde o início.”

Os trechos acima tornam-se bem-humorados não só pela repetição em si, mas também pela forma como são expostos os dados, assim como pelos comentários que o autor faz entre vírgulas (que são de extrema sinceridade) e pelo poder que este infere ter no seu pronunciamento a favor de que essa ou outra pessoa deixe o seu cargo.

No excerto a seguir, retirado também de “Fora quem agora”, diferentemente dos trechos da crônica expostos acima, a repetição acontece, como em “Fora, Cunha!”, sem intercalações em que a oração “Fora, Renan” se repete por um total de trinta vezes:

(12)

“Mas é que “Fora, Renan” é muito atrativo. “Fora, Renan” é um grito preso na garganta há mais tempo do que “Fora, Cunha”. “Fora, Renan” dá a sensação de que a casa caiu mesmo. Tá decidido: Fora, Renan! Pai Fábio garante ou o seu dinheiro de volta! Fora, Renan! Fora, Renan!”

O que se pode observar, com base na análise das duas crônicas, é que a repetição, tanto em “Fora, Cunha!”, quanto em “Fora quem agora”, aparece como “um recurso de grande funcionalidade, pois, pode desempenhar diferentes funções” (ANTUNES, 2005, p. 71). Entre essas funções da repetição, a autora aponta diversas e acredita-se, após as análises, que a funcionalidade da repetição, nas crônicas de Porchat, seja a de “*marcar a ênfase* que se pretende atribuir a um determinado segmento” (ANTUNES, 2005, p. 71, *grifo do autor*).

Porchat repete a palavra “Fora”, seguidas dos nomes desejados que não estejam mais dentro de suas funções e o faz nas duas crônicas, de forma intencional. Ele faz isso à exaustão, para ressaltar ao leitor a intensidade com que deseja que tais pessoas deixem seus cargos/funções, por seus crimes, corrupção, mentiras, roubos, etc. O que se pode observar, portanto, é que a repetição nas crônicas tem uma funcionalidade que é expressiva: tem como objetivo expressar fortemente o posicionamento político do cronista.

Contudo, é necessário também dizer que apenas o uso do recurso repetição não é capaz de tornar as crônicas engraçadas. Na verdade, a repetição, somada ao contexto e interpretada da forma exagerada como é exposta, é o que causa espanto ao leitor. E, exatamente por ser uma construção inusitada, incomum e que causa estranhamento ao leitor, notamos que é um dos aspectos que instaura um tom humorístico nas crônicas.

Além da ironia, do exagero e da repetição, observamos que Porchat se utiliza também de outras técnicas de produção de humor que trazem ao seu texto um aspecto bem-humorado. Um deles é o trocadilho, por meio do qual, de acordo com Freud (1905, p. 30), se faz necessário que dois significados “se evoquem um ao outro através de alguma vaga similaridade, seja uma similaridade estrutural geral, ou uma assonância rítmica, ou o compartilhamento de algumas letras iniciais”.

Exemplos de trocadilhos podem ser tomados nas crônicas “Fora quem agora” (08/05/2016) e em “Eu acho...” (06/03/2016). Observemos um trecho em que Porchat se utiliza de um trocadilho em “Fora quem agora”, crônica já contextualizada neste trabalho.

(13)

“Claro que ele ainda continua deputado, continua frequentando o Congresso e continua solto, mas Pai Fábio de Iansã está apenas começando a entender seu próprio dom.”

Como dito anteriormente, em “Fora quem agora” (08/05/2016), Fábio Porchat se vangloria por ter conseguido (supostamente através sua crônica) com que o político Eduardo Cunha tivesse o seu mandato cassado. O trocadilho acontece quando Porchat intercala as palavras “Pai” e “Iansã” com o seu nome. Por meio desta intercalação, ele confere a ele mesmo o poder de “Pai Iansã”, que no Candomblé se refere à Iansã, “rainha dos raios, das ventanias, do tempo que se fecha sem chover”⁹. O humor neste trocadilho, consiste portanto, no fato de Porchat conferir a ele mesmo tal poder, como se fosse uma grande divindade.

Há também a crônica “Eu acho...” (06/03/2016), na qual Porchat discorre sobre os problemas de expor sua opinião e afirma que, ainda que procure estar sempre bem informado para discussões, sempre se depara com argumentos melhores que os seus.

Porchat acaba por conferir à crônica um tom humorístico quando cria situações quase improváveis, por exemplo, quando afirma cogitar certas hipóteses, como a que segue:

(14)

“Cheguei a cogitar a hipótese de sempre andar acompanhado do Dráuzio Varela e do Cristovam Buarque pra, na hora do desespero, eu recorrer aos universitários, mas acho que eles não topariam.”

⁹ IANSÃ. *Candomblé: O mundo dos Oxirás*. Disponível em: <<https://ocandomble.com/os-orixas/iansa/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

A alusão é outra técnica utilizada por Porchat para construir o tom de humor. De acordo com Cavalcante (2012, p. 152), a alusão “é uma espécie de referenciação indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o coenunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o não dito”. Assim, a alusão consiste em uma forma de intertextualidade que cita/faz referência, de forma não explícita a um fato, um alguém ou a alguma coisa. Ao utilizar este recurso, o autor pressupõe que o leitor tenha o conhecimento do(s) fato(s) expostos para que tenha entendimento pleno do que é dito no texto e, conseqüentemente, também para que o recurso venha a provocar o humor.

Um exemplo do uso da alusão pode ser encontrado na crônica “Eu acho...” (06/03/2016), no trecho já exposto acima. Vejamos:

(15)

“Cheguei a cogitar a hipótese de sempre andar acompanhado do Dráuzio Varela e do Cristovam Buarque pra, na hora do desespero, eu recorrer aos universitários, mas acho que eles não topariam. Seria incrível. Eu diria: “Sou a favor do aborto! Fala aí porque, Dráuzio!”

Na crônica, esse efeito humorístico criado por uma situação improvável (Dráuzio Varela e Cristovam Buarque dificilmente acompanhariam sempre Porchat para argumentar em seu lugar em discussões) se deve também à alusão, uma vez que Porchat referencia os dois por serem, respectivamente, um grande médico brasileiro e um político (e caso o leitor não saiba quem são, não pode flagrar o efeito do humor visado na crônica).

Outro exemplo do uso da alusão pode ser encontrado também em “Sexo” (17/04/2016), crônica em que Porchat aborda esse tema, considerado ainda tabu pela sociedade. No texto, o cronista critica o fato de que o assunto seja ainda tratado de forma tão restrita e pouco discutida, e afirma:

(16)

“Quantas coisas realmente erradas nós não fazemos à vista de todos e que não estamos nem aí? Enquanto transar for uma questão para a nossa sociedade, não teremos como evoluir”.

A fim de discutir a polêmica conferida ao assunto “Sexo”, Porchat chega a explicitar o óbvio (que é o fato de que todos ou a grande maioria das pessoas, no fim das contas, praticam tal ato), o que causa estranhamento ao leitor, tornando o texto inusitado e, conseqüentemente, bem-humorado, como podemos observar em: “*Por quê? Todo mundo transa. Sua mãe transou, sua avó transou, seu tio-avô transou, você transou, o pai do papa transou, a mãe de Maomé transou.*”

Além disso, Porchat ainda se utiliza da alusão, que em meio a estes recursos também acaba por provocar o humor: “*E olha que o brasileiro, em especial, é bastante sexual. Bunda é o nosso símbolo nacional depois da onça-pintada. (Hoje em dia, mais a das notas de 50 do que o bicho)*”.

Assim, apesar de expor argumentos críticos e tratar de um assunto ainda considerado tabu pela nossa sociedade, Porchat consegue, por meio do uso de exemplos inusitados, da linguagem coloquial e direta, do uso de argumentos óbvios e de recursos como a alusão, dar a suas crônicas um tom humorístico, que acaba por “amenizar”, de certa forma, as fortes críticas contidas nos textos.

Considerações finais

Tendo em vista as considerações estabelecidas neste trabalho, podemos reconhecer que a construção do humor de um texto depende, entre outros aspectos, do uso de uma técnica ou mecanismo de produção de humor, e que esse uso pode se dar ou não pelo intermédio de recursos linguísticos.

Foi esse fato que nos levou a observar quais são as técnicas de produção de humor, das quais Fábio Porchat se utiliza para provocar o humor em suas crônicas. Em virtude disso, neste trabalho, nos propusemos a analisar as técnicas utilizadas nas crônicas dialogadas “Bate-papo hoje em dia” (17/01/2016), “Comentários de internet” (24/01/2016), “Contrato” (31/01/2016), “Tio” (07/02/2016), “Céu católico” (27/02/2016), “Tiririca” (10/04/2016) e “Terrorismo” (24/04/2016) e nas crônicas críticas “Te conheço” (14/02/2016), “Ou uma coisa ou outra” (21/02/2016), “Eu acho...” (06/03/2016), “Gays” (13/03/2016), “Sexo” (17/04/2016), “Fora, Cunha!” (01/05/2016) e “Fora quem agora” (08/05/2016), todas publicadas por Porchat no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Com base nos textos analisados, verificamos que a técnica de produção de humor mais, recorrentemente, utilizada por Porchat nas crônicas, em forma de diálogo, é a inversão da realidade, que pode ser caracterizada como a inversão não só de papéis/lugares sociais, mas também uma inversão de situações, contextos, ações/comportamentos e outros.

Nesse sentido, constatamos que Porchat se utiliza da inversão da realidade de maneira mais abrangente, uma vez que a inversão pode ser aplicada, de forma geral, não apenas a toda uma situação, realidade ou contexto, mas também de modo mais específico, quando se invertem papéis ou ações/comportamentos específicos, dentro de uma situação.

Ademais, verificamos que, a fim de que essa técnica atinja o seu objetivo (que é o de provocar o humor), em muitas das vezes se faz necessário que o leitor ative o seu conhecimento prévio – o que caracteriza a utilização de outra técnica, qual seja: o conhecimento prévio.

Já nas crônicas críticas, observamos que a técnica mais utilizada é a ironia, caracterizada por se dizer o oposto do que é real ou do que se deseja dizer. Após as análises, podemos afirmar que é possível que Porchat se utilize da ironia a fim de que o bom-humor seja instaurado em suas crônicas em texto corrido como instrumento de fortes críticas sociais, que é uma das funções primordiais do humor, de acordo com Travaglia (1989).

Em virtude do exposto, esperamos que este estudo possa contribuir com as pesquisas na área de humor, tendo em vista o fato de que devem existir muitas técnicas que geram o riso ainda não descritas ou caracterizadas pelos estudiosos do tema, sobretudo, as técnicas utilizadas de forma recorrente por autores contemporâneos do humor.

Referências

ADOLF Hitler. **History**. Disponível em: <<http://seuhistory.com/biografias/adolf-hitler>>. Acesso em 20 out. 2016.

- ALBERT Einstein. UOL. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/albert-einstein.htm>>. Acesso em 20 out. 2016.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- ATTARDO, S.; RASKIN, V. Script theory revis(it)ed: joke similarity and joke representation model. **Humor: International Journal of Humor Research**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991. vol. 4-3/4. p. 293-347.
- BENETTI, Marcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. *Líbero (FACASPER)*, v. 20, p. 37-46, 2007.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- CALGARO, Fernanda; RAMALHO, Renan; GARCIA, Gustavo. Câmara cassa mandato de Eduardo Cunha por 450 votos a 10. **G1**, Brasília, 12 set. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/09/camara-cassa-mandato-de-eduardo-cunha-por-450-votos-10.html>>. Acesso em: 9 fev. 2017.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade. In: **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-170.
- CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1989.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- DENGUE, Chikungunya e Zika. **Combate aedes**. Disponível em: <<http://combateaedes.saude.gov.br/pt/tira-duvidas>>. Acesso em: 19 nov. 2016.
- FÁBIO Porchat: ator e roteirista. Perfil. Disponível em: <<http://www.fabioporchat.com.br/site/fabio-porchat/perfil/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- FEBRE Chikungunya. **Portal da Saúde**. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/1073-chikungunya/14718-sinais-e-sintomas>>. Acesso em: 02 nov. 2016.
- FIORIN, J. L. F. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas/ Sigmund Freud, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Edição original 1905).
- IANSÃ. **Candomblé: O mundo dos Oxirás**. Disponível em: <<https://ocandomble.com/os-orixas/iansa/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- KOCH, I. **Introdução à Linguística Textual: Trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- LEVIN, J. Índice de criminalidade piora no Rio, a tempo da Olimpíada. **Exame**. 14 jul. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/indice-de-criminalidade-piora-no-rio-a-tempo-da-olimpiada/>>. Acesso em: 17 nov. 2016.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Trad. de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- MOUTA, Margarida. Os jogos de linguagem e a aquisição de uma “competência humorística” em PLE. **Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto** - Vol. 2 – 2007, p. 77-102.
- PEREIRA, W. **Crônica: a arte do útil e do fútil**. Salvador: Calandra, 2004 (Coleção Biblioteca).
- PORCHAT, F. Bate-papo hoje em dia. **Cultura. Estadão**, 17 jan. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,bate-papo-hoje-em-dia,10000007232>>. Acesso em: 24 set. 2016.

- _____. Comentários de internet. Cultura. **Estadão**, 24 jan. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,comentarios-de-internet,10000013146>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- _____, Fábio. Contrato. Cultura. **Estadão**, 31 jan. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,contrato,10000014108>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- _____. Tio. Cultura. **Estadão**, 07 fev. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,tio,10000015351>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- _____. Céu católico. Cultura. **Estadão**, 27 fev. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ceu-catolico,10000018633>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- _____. Tiririca. Cultura. **Estadão** 10 abr. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,tiririca,10000025653>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- _____. Terrorismo. Cultura. **Estadão** 24 abr. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,terrorismo,10000027641>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise linguística de piadas**. São Paulo, Mercado das Letras, 1998.
- _____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo, Ática, 1992.
- RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1985.
- SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria: o equipamento falado no Brasil**. 5. ed. Local: Brasília: Mania do Livro, 1998.
- TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **D.E.L.T.A**, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.
- _____. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Leitura: Estudos linguísticos e literários**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, p. 42-79, 1989.
- TRENTIN, R. C. **Um estudo de “frases engraçadas” que versam sobre bebida: construção de sentido e ethos**. 2012. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

*Submetido em 14 de maio de 2017.
Aprovado em 10 de julho de 2017.*